

## *A aquisição dos pronomes pessoais 'eu' e 'tu': a fala da mãe com a criança nos três primeiros anos de vida*

*Denise S. Issler – PUCRS*

**PUBLICAÇÃO EDIPUCRS**

- MOREIRA, Alice Campos. **Obra Poética Lobo da Costa**. 1992, 294p. Em co-edição com IEL/FAPERGS..

Os pedidos deverão ser encaminhados à:

**EDIPUCRS**  
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 33  
Caixa Postal 1429  
90619-900 PORTO ALEGRE - RS/BRASIL  
Fone/FAX: (051) 320.35.23  
<http://ultra.pucrs.br/edipucrs/>  
E-mail [edipucrs@music.pucrs.br](mailto:edipucrs@music.pucrs.br)

### *Breve fundamentação*

Este trabalho baseia-se em minha tese de doutorado (Issler, 1997), realizada sob a orientação da prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Regina Ritter Lamprecht. A partir de minha formação como psicóloga, procuro oferecer uma contribuição a respeito das intersecções entre a linguagem e o psiquismo. O ponto de partida é a utilização das formas de referência ao falante e ao destinatário (não somente os pronomes pessoais 'eu' e 'tu') a partir de duas vertentes: a fala da mãe dirigida à criança e a fala da criança com desenvolvimento normal.

A criança leva cerca de três anos para adquirir esses pronomes e para aprender que (a) os pronomes designam papéis de fala ('eu'=falante, 'tu'=destinatário, 'ele'=não-participante); (b) cada pronome designa sempre o mesmo papel de fala (significado invariável); (c) a relação entre papéis de fala e pronomes, além de invariável, é mutuamente exclusiva ('eu'↔falante, 'tu'↔destinatário, 'ele'↔não-participante); (d) os pronomes têm referência variável – aplicam-se a qualquer referente que assumo os papéis que designam (p. ex.: 'eu' = Maria falando, 'eu' = João falando); (e) os pronomes 'eu' e 'tu' sofrem alternância de referência quando há troca de turno entre os participantes de uma conversação; (f) pronomes

e nomes não são intercambiáveis em todas as situações de uso; (g) é obrigatória a pronominalização da referência ao falante e ao destinatário.

Diferentemente da fala entre adultos, a mãe,<sup>1</sup> na fala dirigida à criança pequena (FDCP), não segue essas regras e utiliza formas não-convencionais de auto-referência e de referência ao destinatário, além dos pronomes 'eu' e 'tu'. Wills (1977), estudando a interação de 5 tríades pais-criança de 0;9 a 1;3, fez uma categorização das formas referenciais cujas principais categorias, relevantes para o Português são: (a) falante designado por formas de 3ª pessoa ('mamãe' e pronomes de 3ª p.); (b) falante designado por formas de 1ª p. do plural ('nós', 'vamos', 'a gente'); (c) destinatário designado por formas de 3ª p. (nome da criança, 'ele/ela'); (d) destinatário designado por formas de 1ª p. do plural; (e) substituição de papéis (pais falando desde o lugar do bebê ou assumindo papéis de bonecos e animais). Uma análise preliminar dessa descrição da FDCP sugere que não há restrições quanto ao uso de formas referenciais (para Wills, apenas o pronome de 3ª p. do plural - 'they' é utilizado consistentemente, como na fala adulta). Mas, levando em conta que os pais não utilizam formas não-convencionais ao falarem com as crianças maiores, pode-se concluir que elas são suprimidas durante os primeiros anos de vida. Rabain-Jamin e Sabeau-Jouannet (1989), estudando 6 díades mãe-bebê aos 0;3, 0;7 e 0;10 observaram variações na utilização de formas de referência ao destinatário-bebê à medida que cresce. Por volta dos 0;6, as mães consideram o bebê um sujeito ativo, elas diminuem o uso de pronomes de 3ª p., aumentam o uso de pronomes 2ª p. ('tu') e restringem o uso de pronomes de 1ª p. (falar 'eu' pelo bebê), que praticamente inexistem aos 0;10.

Segundo Wills (1977), o uso de formas não-convencionais confundiria a criança quanto à distinção entre papéis e quanto à identidade dos referentes, embora o propósito desse uso seja a criança aprender que ela tem três rótulos que vão com os diferentes papéis - 'eu', 'tu' e nome ou pronome de 3ª p. Rabain-Jamin e Sabeau-Jouannet (1989) discordam de Wills quanto à variabilidade pronominal na FDCP ser fonte de confusão, considerando-a um *input* sistemático: as diferentes formas referenciais são modos linguísticos através dos quais as mães, em interação com os filhos, definem

<sup>1</sup> Utilizo o termo 'mãe' apenas por uma simplificação do texto e por ter pesquisado principalmente a fala da mãe com a criança; considero que as mesmas observações se aplicam à fala do pai, dos irmãos maiores e de outros cuidadores do bebê e da criança pequena.

as posições de ambos na comunicação. Compartilho essa, investigo também as formas de auto-referência na fala da mãe, procurando aí indícios que favoreçam a aquisição de 'eu' e 'tu' bem como a estruturação da criança como um sujeito (um *self*).

## Descrição e análise da fala dirigida à criança pequena

Os dados apresentados provêm da fala das mães de três crianças gravadas longitudinalmente de 1;6 a 3;0 e das mães de três bebês, gravados aos 0;1, 0;3, 0;6, 0;9 e 1;0 por mim e por outras duas psicólogas,<sup>2</sup> em um curso de formação em psicoterapia. Realizo uma categorização das formas de auto-referência e de referência ao destinatário na FDCP, levando em conta aspectos do contexto não considerados por Wills (1977).

A mãe fala com o bebê desde o início de sua vida, engajando-o em uma "conversação" que, em relação às formas de referência ao falante e ao destinatário, apresenta características peculiares. Um tipo de situação em que isso ocorre é quando a **mãe fala desde o lugar do bebê**, onde diferencio o falar pelo bebê com o próprio bebê e o falar pelo bebê com uma terceira pessoa. **Falando com o próprio bebê** como em:

[Mãe oferece o dedo para o bebê]

M: Tu pensa que eu sou burra, né?! Eu quero é o teu seio.<sup>3</sup>

[Carolina 0;1]

cria-se uma situação linguisticamente complexa: analiso esses enunciados da mãe como tendo dois falantes e dois destinatários. O bebê é o **destinatário real** dos enunciados mas é o **falante virtual**, uma vez que a mãe fala como sua porta-voz. Do mesmo modo, a mãe é a **falante real**, mas o **destinatário virtual**, já que o bebê estaria falando para sua mãe. Nessa situação paradoxal a mãe precisa eleger formas referenciais tanto para si quanto para seu bebê. Quanto à referência ao bebê não parece haver problemas: a mãe se identifica com ele, coloca-se em seu lugar e fala 'eu' como sua representante. Pode dizer 'Eu tô com frio', ainda que ela tenha

<sup>2</sup> Agradeço a Christine G. Nunes e Maria Fernanda S. Hennemann, que cederam-me dados coletados no Centro de Estudos, Atendimento e Pesquisa da Infância e Adolescência (CEAPIA), com a autorização da instituição, e às mestrandas que transcreveram as gravações.

<sup>3</sup> M=mãe e os enunciados produzidos desde o lugar do bebê são sublinhados; as formas analisadas estão em negrito.

calor, sem que isso seja incoerente e sem deixar de ser, ela própria, um eu distinto e independente. Já na referência à si própria, obtive escassos exemplos da utilização de 'tu' (outros estudos não mencionam esse uso). Isso talvez se justifique pela dificuldade da mãe em ser, simultaneamente, um eu e um tu (encontrei mais comumente a omissão de 'tu' ou sua substituição por formas de terceira pessoa). Esse falar pelo bebê com ele próprio foi encontrado até 0;6 e após praticamente não foi verificado; mas o **falar pelo bebê com uma outra pessoa** foi muito observado até 0;9. Quando há uma terceira pessoa envolvida forma-se uma relação triangular e a mãe não tem dificuldades nas referências: o bebê é sempre referido por 'eu', a outra pessoa por 'tu', e ela, a mãe, é sempre referida como uma terceira pessoa em relação à situação:

P: Oi Fernanda, tudo bom? Eu sou Carolina.  
[aos 0;1 para a observadora]

A mãe, falando desde seu próprio lugar, utiliza diversas formas referenciais. O pronome 'nós', além de seu uso convencional, tem um uso não-convencional que é ambíguo no que diz respeito ao seu exato referente (Wills, 1977). Encontrei muitos enunciados nos quais a mãe diz 'nós', 'a gente' ou 'vamos', para referir-se a uma ação que só ela produz (na auto-referência), porém manuseando a criança:

P: O que que tu vai querê hoje, **pra gente** fazê a troca [de fralda]?  
A Minie? [Carolina 0;8]

A mãe também utiliza o pronome 'nós' na referência ao destinatário para referir a uma ação ocorrida com a criança, mas que depende dela, mãe, para sua execução:

M: **Vamo** naná um pouquinho? [embalando Roberto 0;3]

Wills (1977) considera todas essas referências através de 'nós' como obscurecendo as distinções entre mãe-criança. Considero esses enunciados similares ao uso convencional de 'nós', pois ambos, mãe e criança estão envolvidos na ação e, portanto, na referência. Para mim, haveria apenas duas situações em que o uso de 'nós', de fato, obscurece a distinção entre o eu e o outro. Uma delas ocorreria em enunciados nos quais a mãe atribui a ela e a seu filho, através do uso de 'nós', eventos que dizem respeito unicamente a ela, o que não encontrei. A outra ocorreria quando a mãe, ao dizer 'nós', se inclui em eventos que dizem respeito unicamente ao seu filho, o que constatei em apenas três situações com bebês, como neste exemplo:

M: Tu tá com gripe? Nós **tamo** gripadinha? [Carolina 0;3 é que estava gripada]

Quanto à utilização de pronomes de 3ª pessoa, encontrei poucos exemplos do uso de 'ela' na auto-referência, sendo mais comum a repetição da forma nominal em vez de sua substituição pelo pronome:

M: Que mãe, né, olha o que **ela** foi arranjá! [A mãe de Carolina 0;1 está doente]

M: Como é que a **mamãe** diz quando a mãe tá braba? Hum?  
[Tatiana 1;8]

Sugeri que a dificuldade em se auto-referir por 'ela' é similar à de se auto-referir por 'tu'. A mãe há muito tem uma auto-representação mental como um eu e, nesse caso, pode sentir-se incoerente e, de certo modo, dissociada ao referir a si própria através de 'ela': como é possível a falante-mãe ser um eu próprio e, simultaneamente, um outro (ela)? Já na referência ao destinatário-bebê todas as mães utilizaram os pronomes de 3ª p. desde que os bebês eram recém-nascidos (mas com frequência inferior ao uso do nome do filho).

M: Agora **ele** vai trocá a fralda, vai mamã um mamazão...  
[Roberto 0;2]

Para mim, o que está em jogo no uso de pronomes de 3ª p. na FDCP é o estabelecimento do papel de um outro. Esse uso tão precoce, aliado a um declínio ou até inexistência após a criança ter 1;6, indica que os pronomes pessoais 'ela/ele' podem servir para auxiliar a mãe a criar uma representação de seu próprio bebê como um outro separado e distinto dela. Esse uso é maior enquanto o bebê está fisicamente junto à mãe, diminuindo à medida em que cresce, passa a caminhar e a separar-se cada vez mais dela.

Wills (1977) afirma que o pronome de 3ª p. do plural 'eles' ('they') é o único que é consistentemente usado na FDCP como na fala adulta. No entanto, encontrei um exemplo em que o 'eles' é utilizado substituindo o pronome de tratamento 'vocês', demonstrando que todos os pronomes podem ter um uso não-convencional na FDCP:

M: Dá um beijinho nele, Rafa. [para Rafael 1;8 e seu irmão Gabriel 3;3]

[Rafael beija o irmão; mãe olha para os filhos exclamando]

M: Ai, como **eles** são queridos! Como **eles** são queridos, esses dois!

Quanto à utilização de formas nominais nas referências, pode constatar que elas são as formas mais freqüentes ao longo dos três primeiros anos de vida da criança. O nascimento de um filho, principalmente o primeiro, "vem acompanhado de uma mudança de status: da condição de filho ou filha passa-se à de pai ou mãe" (Cramer, 1993). Pode-se dizer, no entanto, que esse novo papel, inaugurado com o nascimento do bebê, já vem sendo construído desde a gestação. Assim, não é de se estranhar que as formas nominais 'mãe' e 'mamãe' já sejam utilizadas na auto-referência desde que o bebê é recém-nascido. Após 2;0 ou 2;6 essas formas nominais tendem a ser menos freqüentes.

M: Ui! Que mãe desajeitada! [Roberto 13 dias]

Já a referência ao destinatário através do nome do bebê somente foi observada aos 0;3, não estando presente nos dados dos recém-nascidos, aos 0;1:

M: Ai, ai, ai! Paula não tá a fim de mamá. Mas que milagre! [Paula 0;3]

Sugeri que enquanto o papel de mãe vem se construindo em um crescendo, desde a gestação, e se incrementa com o nascimento do bebê, a relação com o filho passa por uma transformação após o nascimento. O bebê, antes de nascer, tem uma representação que não se baseia em suas características reais, que até o nascimento são desconhecidas. Na literatura psicológica utiliza-se o termo 'filho imaginário' (Soulé, 1987) para definir esta relação. Com o nascimento o bebê real substitui para a mãe o filho imaginário, mas enquanto este era conhecido, aquele suscita uma "inquietante estranheza" (Soulé, 1987). O fato de a mãe não utilizar o nome próprio do bebê recém-nascido nada mais faz do que refletir seu modo de funcionamento interno. Aos 0;3 de idade o bebê já não é um desconhecido para a mãe; ele é um indivíduo que começa a constituir-se e já possui uma designação singular, seu nome próprio. Esse uso vai declinando à medida em que a criança cresce: simultaneamente, a criança vai cada vez mais se apresentando como um eu e vai sendo cada vez mais considerada pela mãe como um tu. A escolha de formas de referência ao destinatário quando a mãe se dirige ao seu filho, entre 1;6 e 3;0 anos, é influenciada não apenas por esses aspectos extralingüísticos, mas também por fatores sintáticos e semântico-pragmáticos, como o fato de referir-se ou não ao contexto do "aqui-e-agora" (para detalhes consultar Issler, 1997).

A mãe também emprega formas referencias convencionais quando fala com seu filho, desde recém-nascido. Segundo Rabain-Jamin e Sabeau-Jouannet (1989), os pais evitam usar o pronome 'eu' na auto-referência quando estão usando esse pronome desde o lugar do bebê. No entanto, constatei esse desde que a mãe inicia sua relação com o filho recém-nascido, embora coexista com formas não-convencionais de auto-referência:

M: É muito à toa essa menina. Eu não quero mais. [Paula 0;1]

Do mesmo modo, o pronome convencional 'tu' também é usado já com o destinatário -bebê recém-nascido, também coexistindo com formas não-convencionais:

M: O que tá te incomodando? A mãe apertô a fralda? Tu tava rindo... [Carolina 0;1]

Considero que a mãe, ao dirigir-se ao bebê como um tu, marca, para ambos, a possibilidade de ele vir a preencher plenamente o papel de destinatário, ainda que, nesse momento, ele não seja capaz de responder às perguntas e comentários que lhe são dirigidos. Esse uso auxilia a mãe a construir, internamente, a representação de seu filho bebê como um sujeito separado e distinto dela. Os pronomes 'eu' e 'tu' seguem sendo usados pela mãe e, mais tarde, quando a criança passa a produzi-los pronomes, observam-se diálogos nos quais ambos os participantes realizam a alternância das referências.

## Considerações finais

A grande variabilidade de formas referenciais empregadas pela mãe na FDCP, longe de causar confusão (Wills, 1977), representa uma boa capacidade da mãe em se adequar às necessidades de seu filho em desenvolvimento. Embora haja diferenças individuais nas mães, a FDCP, confrontada com o desenvolvimento psíquico e cognitivo do bebê, sugerem que a utilização e a supressão de diferentes formas referenciais não é aleatória. Dependem, em parte, do contexto de enunciação, mas, também, de aspectos do psiquismo de cada um dos membros da díade mãe-bebê. As várias formas referenciais demonstram como a mãe transita entre os pólos SER EU/SER NÃO-EU (OUTRO) e ESTAR JUNTO/ESTAR SEPARADO. Na referência ao destinatário-bebê, a mãe pode identificar-se com ele, assumir seu lugar dele e falar como sua porta voz, criando um

espaço virtual no qual diz 'eu' pelo falante virtual; pode indiferenciar-se do seu bebê e dizer 'nós'; a mãe pode tratar seu bebê como um interlocutor capaz de interagir plenamente com ela e dirigir-se a ele por 'tu'; a mãe pode colocar-se a uma certa distância do bebê e tratá-lo por 'ele', criando uma situação e um espaço para um terceiro interlocutor potencial; a mãe pode, ainda, após o primeiro mês de contato com esse bebê "desconhecido", ressaltar sua singular individualidade tratando-o pelo nome próprio. Na auto-referência, a mãe pode vir a assumir diferentes posições na relação: ora é 'tu' – o destinatário virtual da fala desde o lugar do bebê; ora é 'nós'; ora é alguém de quem se fala – 'ela'; ora é 'mamãe' e, como não poderia deixar de ser, ora é 'eu'. Quando a criança atinge 3;0 a mãe já suprimiu outras formas de auto-referência (exceto usos ocasionais de 'mãe') e é um 'eu' na FDCP.

Considero que a aquisição dos pronomes pessoais vai além da prática com ferramentas gramaticais, apresentando há fortes indícios de uma ligação com a questão da estruturação do self. Para mim, a linguagem (e o uso de diferentes formas referenciais) é, dialeticamente, fonte e indício da estruturação psíquica. No caso da aquisição dos pronomes 'eu/tu' e das conseqüentes intersecções com o desenvolvimento psíquico sugiro que **adquirir 'eu' e 'tu' é uma conquista da díade mãe-filho, e não apenas da criança.**

### Referências bibliográficas

- ISSLER, Denise S. *A aquisição de 'eu' e 'tu': intersecções entre a Linguística e a Psicologia*. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras e Artes. Pontifícia Universidade Católica do RS, 1997.
- RABAIN-JAMIN, Jacqueline, SABEAU-JOUANNET, Emilie. Playing with pronouns in French maternal speech to prelingual infants. *Journal of Child Language*, v. 16, p. 217-238, 1989.
- SOULÉ, Michel. O filho da cabeça, o filho imaginário. In: BRAZELTON, T. Berry et al. *A dinâmica do bebê*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- WILLS, Dorothy D. Participant deixis in English and baby talk. In: SNOW, Catherine E., FERGUSON, Charles A. (eds.) *Talking to children*. Cambridge: C.U.P., 1977.